



TV: A Esteticista da Nova Plástica da Família Brasileira¹

Elisa MACEDO²

Marise Pimentel Mendes³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

O ser humano tem a habilidade de reproduzir o que contempla. Considerando que os programas televisivos brasileiros no início dos anos 1950 reproduziam o padrão familiar norteamericano, podemos perceber que muitos aspectos desta família começaram a ser inseridos no nosso modelo familiar, causando transformações que reestruturaram a família brasileira. No entanto, este processo não parou por aí. A desestruturação da família dos padrões tradicionais pode ter desencadeado um efeito dominó, levando ao agravamento de conflitos sociais que atualmente é possível presenciar, tais como drogas, altos índices de divórcios e inversão dos papéis do homem e da mulher na instituição familiar.

PALAVRAS-CHAVE: Família; Telenovela; Projeção; Transformação; Comunicação.

TEXTO DO TRABALHO

INTRODUÇÃO

A estruturação da família brasileira, antes da inserção dos meios de comunicação de massa, apresentava determinado modelo. No entanto, após a disseminação destes canais, principalmente com a chegada da TV ao Brasil, essa realidade foi bastante modificada, através de uma verdadeira “cirurgia plástica”, que não só alterou o exterior social da família brasileira, mas a sua essência comportamental, dando a ela uma nova ideia, um novo corpo, uma nova face.

No início do século XX, antes da popularização dos veículos de comunicação, a família brasileira se organizava dentro de uma estrutura. Embora sempre tenham existido as exceções, a maioria das famílias se organizava tradicionalmente. Consideremos este padrão tradicional com o pai sendo o chefe provedor e protetor, a mãe a administradora do lar que cuidava da educação dos filhos e do bem estar da

¹ Trabalho apresentado no Intercom Jr. – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Graduando do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFJF, email: seyaldecamo@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora e Coordenadora do Curso de Comunicação - Jornalismo da UFJF, email: mmendes@acessa.com



família. O filho deveria ser submisso, dependente dos pais até o casamento ou até atingir sua independência, concluir os estudos ou conquistar um emprego.

Obstantes de sermos radicais ao ponto de dizer que “apenas a TV é a culpada de transformação na estrutura familiar”. É reconhecível que diversos fatores, também, influenciaram. No entanto, é fácil notar o quão influente ela foi neste processo, de forma tal que até poderia ser chamada de propulsora da questão. Destes outros remodeladores, poderiam ser destacado o crescimento tecnológico, a necessidade de desenvolvimento de cada indivíduo, a busca por novas condições de vida que foram, também, máquinas fomentadoras desta transformação, juntamente com demasiados outros fatores dos quais não serão aprofundados neste trabalho.

A CHEGADA DO GIGANTE TÍMIDO

Em 1950, A TV chegou tímida em solos brasileiros, apenas para fazer propagandas e comerciais em um curto período do dia. Após, começaram a criar programações entre estes intervalos para entreter o público e atrair a sua atenção – audiência – afinal, quanto maior o número de pessoas assistindo a programação, maior público seria atingido pela ideia. Em pouco tempo, a televisão já era objeto almejado por todos. Os vizinhos, em classes menos favorecidas iam às casas dos outros para assistir aos programas (os que não necessitavam da cortesia de vizinhos assistiam a programação em sua própria casa), as famílias se reuniam nas salas, era a verdadeira confraternização da TV que parecia ter chegado para unir as pessoas.

Um fator que chama a atenção deste primeiro momento da TV e que até pouco tempo estava presente, pelo menos nas cidades pequenas, era a presença de um aparelho de TV no meio das praças, onde a população se reunia para assistir o que Edith Efron (apud McLuhan, 1969, p.347) chamou de “o gigante tímido”, em um artigo da *TV-Guide* em maio de 1963.

A chegada do “gigante tímido”, primeiramente uniu a sociedade, integrando-a psicológica e comportamentalmente. Não que atualmente ela não faça tais coisas, muito pelo contrário, agora ela busca a padronização dos indivíduos para consumirem cada vez mais. No entanto, a disseminação maior é do individualismo coletivo, o isolamento psicológico no qual você pensa como todo mundo, porém age sozinho. Não iremos nos ater a este fato. O que pretendemos mostrar é como a TV, principalmente quando são inseridas telenovelas e seriados em sua programação, ganhou poder para causar uma mutação na organização da sociedade brasileira.



A primeira novela a ser transmitida pela televisão foi *Sua Vida Me Pertence*, da PRF-3 TV Tupy-Difusora, canal 3 de São Paulo, em 1951. A emissora Tupy foi muito criticada por transmitir nesta novela uma cena de beijo entre os protagonistas, Vida Alves e Walter Foster. A sociedade brasileira dos anos 1950 enxergava a transmissão de cenas que hoje chamamos de “simples beijos” como um escândalo, um atentado à moral social. Isso nos leva a pensar: Como reagiria um conservador daquela época, caso estivesse ainda vivo, diante das cenas mais “leves” das novelas transmitidas pela Rede Globo, Rede Record e SBT?

Nesta época, as novelas eram adaptações de obras literárias dos grandes nomes da escrita brasileira como Érico Veríssimo, Machado de Assis e José de Alencar, por exemplo. Com o tempo, os valores norteamericanos foram inseridos na programação transmitindo um novo padrão de vida do brasileiro ao ponto de uma cena de beijo na boca, entre heterossexuais, ter perdido o seu valor escandaloso. Analogamente a este processo, não só o beijo, mas a moldura na qual a família estava inserida, também, foi se transformando até chegarmos à nova estética familiar brasileira, tendo a TV como sua mão artesã.

O CARÁTER DA TRANSFORMAÇÃO

São evidentes as características de manipulação da televisão, afinal, toda informação transforma quem a recebe e, uma vez que a TV é uma máquina de transmissão de informação, ela está o tempo inteiro transformando os indivíduos que têm acesso à ela. Assim, quando ela joga informações fictícias com características da realidade em sua programação, como, por exemplo, novelas, filmes, seriados, ela consegue maquiagem a fantasia, transformá-la em uma possível realidade e vender este produto falso com cara de verdadeiro para a sociedade que se projetará, ainda que inconscientemente, no que está vendo.

Esta aproximação dos programas com a realidade do público tem como intuito atingí-lo com maior eficiência, uma vez que os indivíduos procuram assistir a sua própria realidade na vida do outro. Aristóteles, em sua obra *A arte retórica*, chamou essa aproximação do discurso com o meio e do meio com o público, de campo de experiência comum. Desta forma, o indivíduo se projeta no que está passando na tela transmissora de imagens que está em sua sala.

Hoje, cada vez mais é possível perceber o quanto as programações têm capturado fatos da realidade e colocado nos seus programas ficcionais maquiadas como reais, justamente por causa deste campo de experiência comum que ela precisa criar para



dialogar com o público. Assim, “acentuam-se traços simpáticos e traços antipáticos, a fim de aumentar a participação afetiva do espectador, tanto no seu apego pelos heróis, como na sua repulsa pelos maus” (Morin 1969, p. 59), fazendo o espectador ficar completamente “vidrado” na programação ao ponto de debater com o personagem, sem se lembrar, ou mesmo perceber, que a relação dele com o aparelho de TV é basicamente unilateral.

Este público passa então a se projetar no que vê e começa a almejar a “realidade” apresentada pela TV, afinal, ele está em condições semelhantes ao determinado personagem que conseguiu ser bem sucedido na situação em que se encontrava. Então, este indivíduo poderá acreditar que ele está susceptível aos acontecimentos serem semelhantes para ele, ou pelo menos é assim que ele deseja assimilar. Segundo artigo publicado na revista virtual Scielo, da Universidade de São Paulo, os estudiosos Rizzolatti e Craighero acreditam que a sobrevivência dos seres humanos é a capacidade de nos organizar socialmente. Isso só é possível por que somos seres capazes de entender a ação de outras pessoas. Além disso, também, somos capazes de aprender por meio da imitação e essa faculdade é a base da cultura humana.

Levando-se em conta que nós, seres humanos, aprendemos por imitação, ou seja, somos reflexos do que vemos, ouvimos e vemos, podemos considerar o fato de que consumir os produtos televisivos faz com que venhamos nos projetar (assim como fazemos com a fala, audição e contemplação) no que nos é apresentado; em suma, imitamos o que estamos assistindo.

Estudos voltados para a capacidade do ser humano obter conhecimento apontam para a descoberta de um novo neurônio que permite ao ser humano guardar determinada informação que capturou do meio e, utilizá-la até mesmo sem que se possa perceber. São estes os “Neurônios Espelho”. O mais impressionante é o fato desse *espelhamento* não depender da nossa memória. Se alguém faz um movimento corporal complexo que nunca fizemos, os nossos neurônios-espelho identificam no nosso sistema corporal os mecanismos e tendemos a imitar, inconscientemente aquilo que observamos, ouvimos ou percebemos, de alguma forma.

Existem comportamentos que são imitados de forma que o indivíduo não consegue ter noção de ser uma mera reprodução, e não algo que é parte do caráter dele, como se é de costume afirmar. A maioria das pessoas se recusa a acreditar que estão fazendo algo por que está saindo na mídia, mas, como pudemos perceber, esta



reprodução se efetua de forma inconsciente. A pessoa pode até não querer, mas, em um determinado momento, ela estará representando um papel que não é o seu.

Cada vez mais vemos o imaginário, o fantasioso sendo transformado nas programações para a inserção de aspectos da realidade na TV com a finalidade de facilitar a identificação para o público. Mas, essa realidade televisiva, geralmente, mostra um final feliz, uma solução, uma vez que o roteirista está por trás das câmeras contribuindo para assim o ser. Mas, e quanto às possibilidades de tudo terminar bem para quem vê e acaba se projetando? Muitas vezes não é semelhante, ou pior ainda, a realidade desta pessoa não é nada parecida, no entanto, ela costuma tentar enxergar algo que se assemelhe com ela e, com isso, começa a aplicar estes fatos em sua vida até mesmo sem perceber. Desta forma, na maioria dos casos as pessoas se tornarão frustradas por seus objetivos não terem sido alcançados, conforme vemos no artigo *Paixão e Nostalgia Pelo Real* apresentado por Bruno Costa, no GT de Cultura das mídias, no XIX encontro da Compós 2010 . Talvez essa frustração seja o que leva a frases como “isso é coisa de novela”.

O intuito agora é apresentar como esta projeção afetou a família e seu comportamento. Afinal, assim como as pessoas se projetam para agir em suas vidas, analogamente podemos colocar essas ações projetadas dentro do seu campo familiar, ainda que, muitas vezes, essa assimilação se dê de forma inconsciente, lenta e pouco perceptível, de forma que pode facilmente ser explicada pela conceituação de neurônios espelhos, explicitada anteriormente. A mudança de um indivíduo representa uma transformação em cadeia.

A mídia criou objetos de projeção, também conhecidos como personagens, ou os olímpicos. O público enxerga nestes olímpicos verdadeiros modelos ideais de vida, lazer e suprema aspiração, conforme explica Edgar Morin (2002). E estas propostas são muitas vezes aceitas e compradas por parte dos consumidores que se projetam neste produto midiático. Por consequência, vemos cada vez mais essa “caixa falante” lançando moda, corte de cabelo, estrutura corporal, roupas, sapatos, músicas, ideias, criando novas tribos e novos comportamentos. Assim, ela se torna a “intrometida reguladora” da estrutura familiar.

FAMILIAS DO SÉCULO XX

Anterior à intromissão da programação televisiva no cotidiano da sociedade, as famílias tinham uma configuração bem estabelecida que qualquer fotografia familiar



antes dos anos 1950 pode nos mostrar: os pais, os filhos e por que não dizer um cachorro da família?

Os padrões tradicionais foram abalados, e, com isso, alguns aspectos dentro da estruturação familiar irão perder o seu sentido. Um exemplo seria a queda do famoso jargão “querida, cheguei”, apresentado pelo Seriado *Família Dinossauros*, produzido pelos estúdios Disney em parceria com *Jim Henson Production* e *Michael Jacobs Productions*, em 1991. Este tema foi muito bem retratado, de forma ironizada, pelo filme *A vida em preto e branco* dirigido por Gary Ross em 1998, no qual mostra como a libertação da mulher do seu “vasto” universo, compreendido entre a sala e a cozinha, transforma totalmente o padrão da família norte-americana. Um grande eco mudo da voz do marido fica vagando pela sala, ao repetir “querida, cheguei” e não ter nenhuma querida para visualizar sua entrada triunfal de cada dia.

Ainda nas cenas de *A vida em preto e branco*, a quebra do simbolismo da alimentação diária mostra exatamente esta nova “face” que a família começa a tomar. Esta cena se passa quando todos os membros estão à mesa do café da manhã e a mãe espera um por um para servir a refeição e posteriormente às revoluções trazidas por indivíduos do nosso tempo tecnológico, a situação começa a mudar e cada um passa a fazer seu desjejum sozinho.

A televisão, a princípio, era um elemento de união da família. Na hora da novela, transmissões de jogos e programas, filhos, pais e até mesmo vizinhos (em famílias menos providas financeiramente) se reuniam para assistir. Hoje é comum, cada membro da família ter sua TV em seu quarto.

A TELENVELA NESTE CONTEXTO

Um grande instrumento nas mãos dos produtores de conteúdo das emissoras de televisão foram as telenovelas. Estas passavam, e ainda passam, um novo padrão, fazendo uma cirurgia plástica na face da família e a efetivação deste modelo se dá no mundo real pelos expectadores. Geralmente, as novelas mostravam os conflitos que realmente aconteciam nas famílias; no entanto, estes eram atenuados ou acrescidos de acordo com o interesse dos produtores para atrair a atenção dos espectadores da programação.

Com o intuito de expandir a linha narrativa, os conflitos iam e voltavam; geralmente, a maioria tendo desfechos positivos, como por exemplo, quando o filho resolve sair de casa e se estabelece na vida, a mulher insatisfeita com o esposo se separa



e consegue prosperar em uma sociedade preconceituosa, o marido que trai a esposa e nunca é descoberto, dentre outros temas.

A projeção dos indivíduos ao verem que o cidadão apresentado pela TV sempre conseguia alcançar o seu *happy end*, pode ter feito com que muitas pessoas tenham se projetado nos acontecimentos ficcionais. Desta forma, a família do mundo real muitas vezes não encontrava as saídas mirabolantes que aconteciam nas novelas. Em síntese, a traição era descoberta, o filho não era sustentado pelos pais quando saía de casa, a mãe não conseguia se manter e pronto, o caos estava instaurado.

A partir de agora, iremos dissertar sobre a remodelagem da família com a chegada da televisão e, principalmente quando esta inseriu em sua programação as telenovelas e como se deu o processo baseado nos seus olimpianos que a mídia televisionada lhes proporcionou.

Entrando na intimidade destes olimpianos, eles não passam de personagens nos quais o espectador deseja realizar sua vida, imaginando que possa ser, ou se tornar, de alguma forma, um deles. Não passam de uma válvula de escape para as suas não realizações no mundo físico. Mas, para que isto se efetive, a aproximação com o mundo deste indivíduo deverá ser realizada com sucesso. Para isso “o ator se torna cada vez mais ‘natural’ até aparecer não mais como um monstro sagrado executando um rito, mas como um sócia exaltado do espectador” (Morin 1969, p. 96). Então, o consumidor estará ligado ao seu “herói” através das semelhanças, ou o que ele quer que seja semelhante, e, simultaneamente, por uma simpatia profunda, da qual ele é capaz de brigar com amigos e vizinhos por conta da temática da novela, tudo para defender o seu “eu projetivo”.

O PADRÃO FAMILIAR INSTITUÍDO

Com a entrada dos Estados Unidos da América na segunda guerra mundial, as mulheres norte-americanas tiveram que abandonar o seu posto no ofício domiciliar para se inserirem no mercado de trabalho, levando em conta que os homens estavam nos campos da batalha lutando pelos interesses políticos de seu país. O século XX provou ao mundo que as mulheres não eram apenas domésticas, esposas e mães. Nas fábricas, no comércio e nos demais ambientes de trabalho que antes contavam com a mão de obra masculina, passaram a ter a presença feminina exercendo suas funções movimentando a economia que não podia parar em meio ao conflito.

Com o fim da guerra, a maioria das mulheres já tinham se libertado do seu limitado universo. Começaram, então, a disputar lugar com os homens, querendo



igualdade de gênero, respeito no mundo dos negócios e lugar em uma sociedade que antes as davam o sublime direito de ficar calada.

Os novos burburinhos vinham das mulheres na rua, fumando, trabalhando, buscando sua independência e crescendo, não mais à sombra de um homem, mas com os seus próprios esforços. O homem por sua vez não recuou. Sua fuga foi em exacerbar o seu lado masculino no lar, ou, então, aceitar sua nova situação e compartilhar os serviços do lar, enquanto a mulher o auxiliava na manutenção financeira da família. Os filhos passaram a ser educados por *baby-sitters*, ou pela sua versão elétrica: a TV. Era a nova estrutura se estabelecendo nas famílias norte-americanas.

Enquanto isso, no Brasil, com a política de Juscelino Kubitschek e, anos mais tarde, com os presidentes da ditadura militar, essa nova reformulação da estrutura familiar proporcionou à população uma possibilidade de viver como os norte-americanos, ou seja, como o novo padrão de vida. Era a política do *American Way of Life*, que encontrava no Brasil campo fértil para a propagação de suas ideias, principalmente considerando as mulheres como uma das maiores consumidoras dos produtos televisivos, assim, elas eram o elemento primeiro a ser acertado pelo bombardeio de ideologias estrangeiras via televisão.

Os Estados Unidos conseguiram fazer essa disseminação de ideologia após a sua grande ascensão com o findar da segunda guerra mundial. E, juntamente com todas as sopinhas *campbell's*, *calças jeans*, *Coca-cola*, chegou a solos brasileiros a nova performance comportamental da família modelo; através de filmes, seriados, desenhos animados que eram transmitidos tanto em obras cinematográficas, mas principalmente pelas telenovelas, os brasileiros começaram a se projetar nesta nova realidade. Afinal, era chique ter cara e atitude de norte-americano.

Era o novo modelo de *happy family* que estava chegando ao Brasil, nem um pouco disfarçado, e traria grandes transformações para a família brasileira que logo iria sincretizar o seu padrão familiar com o novo apresentado. Um exemplo destas transformações seria a inversão do papel de cada indivíduo do padrão tradicional anteriormente estabelecido e, um homem poder cuidar do microondas, a mulher do escritório e isso não ser um absurdo, até mesmo para os mais conservadores.

CONSEQUÊNCIAS DA ADAPTAÇÃO DO NOVO PADRÃO FAMILIAR

O novo padrão para a família brasileira se tornaria a organização que recebíamos dos estadunidenses. Mas, em solos latinos, esta transformação teria uma consequência social muito grande, principalmente para os jovens das próximas gerações.



Retomando o fato de o ser humano aprender através da imitação, ele se torna, em grande parte, a projeção daquilo que percebe do meio que lhe transmite informação. Os neurônios espelhos também “permitem não apenas a compreensão direta das ações dos outros, mas também das suas intenções, o significado social de seu comportamento e das suas emoções.” (Lameira, Gawryszewski e Pereira 2006); facilitando, assim, o convívio e a adaptação no meio social.

McLuhan, em sua obra “Os meios de comunicação como extensão do homem” fala sobre o elemento de projeção nos olímpianos

“E o salmista insiste em que a *contemplação* dos ídolos, ou o uso da tecnologia, conforma os homens a eles: “quem usa a tecnologia conforma o homem a eles.” Este é simplesmente um caso de privação ou “fechamento” de sentidos. O poeta Blake desenvolveu a idéia (sic) do Salmista numa teoria completa da comunicação e da mudança social. Em seu longo poema *Jerusalém*, ele explica por que os homens se tornaram naquilo que contemplariam.”(McLuhan, 1969 p.64)

Podemos, assim, fazer uma relação entre estes neurônios e a citação de Marshal McLuhan sobre o episódio bíblico do antigo testamento. Ambos apresentam a comprovação de que os indivíduos começam a tomar características daquilo que está observando, ainda que seja sem sua escolha consciente de assim se tornar.

Levando-se em conta que a maioria da população brasileira é audiência fiel das telenovelas (vide o valor dos comerciais entre as novelas do horário nobre em canais abertos como Globo, Record e SBT), podemos supor que grande parte do comportamento social, individual e familiar da população é mera projeção das imagens oferecidas pela mídia. O ser humano poderia ser considerado ,então, em muitos dos seus aspectos, como projeção dos seus heróis apresentados pelos veículos de comunicação.

Não podemos culpar apenas a televisão e sua programação pela fragmentação e problemas que têm sido enfrentados pela família no século XXI. É como Marshall McLuhan (1969, p. 17) explica, ao afirmar que “os produtos da ciência moderna, em si mesmos, não são bons nem maus: é o modo com que são empregados que determina o seu valor”⁹. Desta forma, podemos ver ainda que muitos comportamentos são assimilados inconscientemente, de acordo com a abordagem dos neurônios espelho. Da mesma forma estes comportamentos não são nem bons, nem maus, mas o fim que cada indivíduo dará a eles é que determinará tal coisa.



Com isso, cada indivíduo se torna responsável pelo conteúdo que consome, por mais que muitas programações entrem em nossas residências sem pedir licença. Assim, as telenovelas não são boas nem más, mas o fim que o indivíduo irá dar ao seu conteúdo é que designará o seu papel. Um exemplo disso é quando vemos adolescentes nas escolas reproduzindo cenas de novela: jornaizinhos difamatórios, brigas no meio dos pátios, divisão de grupos “populares” e dos “subjugados” etc.

Para Edgar Morin (1969, p.17) “uma cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções”; e nos aproveitando do estudo de McLuhan sobre as extensões do homem, considerando a televisão como uma extensão, ela também irá provocar “consequências psíquicas e sociais que logo alteraram os limites se padrões de cultura”¹¹.

Trazendo para o campo de estudo, a projeção dos padrões norte-americanos possivelmente passou a ser efetivada no campo do comportamento social. Assim, a transculturalização da organização familiar trouxe consequências para a sociedade brasileira muito além de demandas adolescentes nos pátios das escolas.

Os indivíduos começaram a se projetar no produto que começou a ser reproduzido pelas mídias, influenciando a um novo comportamento por parte dos cidadãos brasileiros. Uma percepção melhor deste fato temos quando visualizamos a organização da família aristocrática dos anos entre 1960 e 1980 que foi totalmente reformulada, pois o aparelho de TV era de alto custo e somente pessoas financeiramente bem colocadas conseguiam possuí-lo. Isto pode ser observado facilmente no seriado “*Anos Rebeldes*” de Gilberto Braga, dirigida por Dennis Carvalho e produzida pela Globo produções, no qual as famílias melhores colocadas socialmente é que já estavam rompendo com o padrão conservador, afinal, elas estavam mais susceptíveis a aderir aos novos padrões advindos do estrangeiro.

Nesta época, fazia parte do *glamour* social exaltar os produtos que não fossem de origem brasileira, era o *status* social da *high class*. A mídia reproduzia a mudança do comportamento do norte-americano, e o brasileiro em geral imitava.

Com a saída da mulher do seu recinto domiciliar, a instrução de seus filhos passou a ser responsabilidade de outra pessoa, o que no Brasil chamamos de babá. Os filhos passaram a ter um tempo reduzido com os pais. O café da manhã é rápido, isso quando os pais não o fazem a caminho do serviço. A mãe não é mais a reguladora do status psicológico familiar e, agora, ela participa das funções financeiras do esposo. O pai



agora não é sozinho o caixa eletrônico da família, mas conta com a mãe para “cuspir” algumas cédulas monetárias.

O filho, também influenciado pelas telenovelas, passa a buscar a sua independência, mesmo sendo ainda um dependente financeiro dos pais. No entanto, sente-se no direito de reivindicar o que passa então a se julgar merecedor. Afinal, é isso que ele está vendo acontecer por toda a parte... Por toda a parte da sala de vídeo. Muitas vezes, quando suas vontades não são atendidas, este jovem se revolta e passa a buscar saída nas opções que a mídia, amigos e suas convicções ideológicas oferecem. De drogas a casamentos, o universo de escolha dos jovens é muito amplo e muitas vezes não são positivas as consequências dos seus atos. Os pais, sem terem tempo de discutir com o filho a situação, passam a adiar para “amanhã” um assunto que deveria ser resolvido naquele momento. Anos mais tarde, esta responsabilidade será jogada para a sociedade e seus órgãos reguladores, como a justiça, por exemplo.

CONCLUSÃO

A tendência é de que as gerações futuras sejam cada vez mais liberais, liberadoras, desreguladas e sem regras em relação à criação de seus filhos, sem entrar na peculiaridade dos jovens que vêm de boa educação e se desvirtuam por conta própria, devido a diversos fatores. Com isso, estes cada vez mais terão um exemplo de valores quebrados e distorcidos de convivência e de ideologia passado pela família.

Esta projeção que antes o filho fazia no pai, na mãe, nos parentes mais próximos poderá ser transferida, outra vez, para a mídia e para a sociedade. Quando uma pessoa perde o seu ponto de identificação ela logo transfere para outro, a família com suas bases abaladas encontrará dificuldades para sobreviver ao século XXI. É o grande problema que estamos enfrentando na atualidade a ponto de apocalípticos dizerem que a família já acabou. Não podemos discordar, caso o parâmetro de referência seja a família nos moldes de nossos tataravôs.

Difícilmente será possível abordar a disfunção familiar, sem abordar os reflexos de sua problemática para a sociedade de uma forma geral. Ainda mais considerando que um indivíduo não vive sozinho em uma cúpula, ele está, ainda que involuntariamente, necessitado do convívio social, ou pelo menos das mínimas relações sociais.

Através destas diversas premissas à cerca dos modelos transmitidos pela TV é possível perceber que, em relação ao poder de influência da televisão, não estamos vendo nem a ponta do *ice berg*.



REFERÊNCIAS

MCLUHAN, Marshal. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.

MORIN, Edgar. Et. Ailli. **Cultura de massa no século XX. O espírito do tempo**. Rio de Janeiro, Forense. 1969. 208 p.

ANKERKRONE, Elmo Francfort, **A História das Novelas Brasileiras**, In Sampa Online, Disponível em <http://www.sampaonline.com.br/colunas/elmo/coluna2001ago31.htm>. Acesso em – agosto de 2001.

COSTA, Bruno César Simões, **Paixão e Nostalgia Pelo Real**, In Cultura das Mídias, Disponível em <http://www.compos.org.br/>. Acesso em 26 de abril de 2012.

FERREIRA, Alexandre, **História da Televisão Brasileira**, In Microfone: O Site do Jornalista, Disponível em <http://www.microfone.jor.br/historiadaTV.htm>. Acesso em 28 de maio de 2011.

LAMEIRA, Allan Pablo, GAWRYSZEWSKI, Luiz de Gonzaga, Pereira, Antônio Jr. **Neurônios Espelho**. In Psicologia USP, Volume 17, São Paulo, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642006000400007&script=sci_arttext. Acesso em 03 de maio de 2012.

História panorâmica da Família Dinossauros, **In InfanTV**, Disponível em http://www.infantv.com.br/familia_dinossauro.htm. Acesso em 28 de maio de 2011.

Sinopse do filme A Vida em Preto e Branco, **In Melhores Filmes**, Disponível em <http://melhoresfilmes.com.br/filmes/a-vida-em-preto-e-branco>. Acesso em 15 de junho de 2011.

Sinopse da série Anos Rebeldes, In Memória Globo, Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-236796,00.html>. Acesso em 15 de junho de 2011.